

O poder do homem em controlar seus impulsos

Série Visão Ministerial – Estudo XI



É um consenso científico o fato de que uma das maiores características humanas que mais diferenciam o homem dos animais seja o poder que ele tem de controlar seus impulsos naturais.

De fato, a capacidade de refrear nossos impulsos ou substituí-los por outra ação, ou reação, é sem dúvida um dom do Criador.

"Porque todos tropeçamos em muitas coisas. Se alguém não tropeça em palavra, o tal é perfeito, e poderoso para também refrear todo o corpo." (Tiago 3:2).

Entretanto hoje em dia a palavra **violência** é tão comum e tão cotidiana que muita gente já a tem incorporado ao seu dia a dia, aceitando-a de maneira quase natural, pelo menos até que eventualmente se tornem vítimas diretas dela.

Ao examinar as escrituras vemos que a violência não existiu antes da queda do homem, não havendo o menor registro ou vestígio de descontrole ou qualquer desequilíbrio na vida do primeiro casal humano.

Porém logo após a queda deu-se lugar ao primeiro ato criminoso, consumado pelo primeiro ser humano gerado no ventre de uma mulher: Caim.

Daí por diante a história da raça humana nunca mais seria poupada das muitas páginas negras e vermelhas, tingidas pelas milhares de guerras e pelo sangue dos milhões de mortos nelas.

Nossa meditação nesta matéria enfocará um detalhe importante deste panorama, o qual acredito ser poderoso o suficiente para provocar ou para evitar um conflito, desde um simples desentendimento entre dois homens até uma guerra entre duas ou mais nações: **o controle do impulso humano.**

I- Paixão e Ódio – o grande Paradoxo

A palavra paixão vem do latim *passione*, de modo que qualquer coisa relacionada a ela é adjetivada (chamada) de *passional*.

Segundo o dicionário, *Paixão* significa "*sentimento excessivo; amor ardente; afeto violento; entusiasmo; cólera; grande mágoa; vício dominador; alucinação; sofrimento intenso e prolongado e parcialidade*", mostrando tratar-se de uma mistura paradoxal (contraditória) entre afeto e ódio.

Hoje em dia já se tornaram comuns os casos de crime passional, ou seja, crimes cometidos sob juras de amor. Diariamente os jornais dão conta dos mais bárbaros crimes, alguns dos quais se estendendo aos familiares das vítimas ou até aos do próprio criminoso.

Na Bíblia também encontramos alguns casos de crime passional, entre os quais o do rei Davi, o de Amnom seu filho e o dos benjamitas de Gibeá (Jz 19).

Neste ponto perguntemo-nos: "Mas o que a paixão tem a ver com a violência?"

Parece haver uma resposta dentro da análise da própria natureza humana. Sabemos que o homem, a menos que tenha sua vida orientada pelos valores divinos, age totalmente orientado pelos seus impulsos naturais.

Ora, sabe-se que estes impulsos sempre convergem para a auto-preservação e à sobrevivência do indivíduo, controlando sua reação ao meio onde vive, comportamento este presente em todas as criaturas vivas além do homem.

Entretanto sabe-se também que este senso de sobrevivência varia entre as espécies, fazendo com que algumas ajam de modo defensivo enquanto outras usem o ataque, quando submetidas a certo tipo de pressão.

Este mesmo senso faz com que um macho dominador exiba o seu poder através de suas conquistas, como possuir o maior território, ou o maior número de fêmeas, ou o maior porte físico, entre outros artifícios, quase sempre empreendendo o uso da força para sobrepujar seus rivais.

O ser humano abriga um sentimento parecido, decorrente de sua queda. Por isso é que estando sujeito às paixões da carne ele precisa renovar sua comunhão com Deus para que não tenha de assumir o padrão comportamental da vida selvagem.

Acho que todos nós podemos testemunhar, com conhecimento de causa, que até mesmo as mínimas coisas, as quais julguemos contrárias às nossas expectativas, quase sempre nos parecem inimigos nos desafiando o tempo todo.

Posto assim, podemos nos lembrar facilmente de como temos reagido diante de pequenos ou grandes desafios, e como a influência do ser de Cristo em nossas vidas mudou os padrões de reação que tínhamos antes de nossa experiência com Ele – um peso que carregávamos, o qual porém ainda permanece como uma ‘canga’ sobre os ombros dos demais seres humanos do mundo, oprimindo-os e precipitando-os na cova da escravidão dos seus complexos e instintos naturais.

Por isso é que muitas vezes o homem ímpio em situações de descontrole da paixão se depara com uma ira titânica e inexplicável – um ódio desmotivado e sem razão que só desaparece depois de tê-lo descarregado em alguma coisa, ou em alguém, mesmo quando pela força ele consegue o objeto de seu desejo.

Além disso, analisando alguns casos reais de violência, tem-se a clara impressão de que os homens e as mulheres que se deixaram tomar por uma paixão louca seguida pela violência compulsiva, sofrem depois com um profundo complexo de inferioridade, rendidos à idéia de que o uso da força foi uma evidência inegável de sua incompetência, incapacidade ou ausência de qualidades que pudessem ter atraído a pessoa desejada, ou conquistado o objeto de seus sonhos de modo pacífico.

Assim é que numa sociedade onde o ideal quase sempre está associado à beleza física, às riquezas e às posses, não faltam motivos para que alguns excessos dêem lugar a crises existenciais resultantes de seguidos desequilíbrios emocionais, psicológicos ou mesmo espirituais, tanto a ricos quanto a pobres; tudo devido à pressão social que o desemprego e a falta de oportunidades impõem aos mais pobres e a ansiedade de manter o nível de vida e o padrão social para os mais ricos.

Essas imposições penalizam a paz e a saúde emocional das pessoas, as quais lutam diariamente para resistir às sensações de exclusão ou incapacidade, além do desafio de conseguir viver harmoniosamente apesar de ter que disputar e concorrer constantemente com os seus semelhantes.

Outra dura realidade: sabe-se que em todos os lugares onde um dos dois impulsos, o sexual ou o agressivo é cultuado ou encontra um ambiente desregrado ou promíscuo, o outro sempre será visto cedo ou tarde, de modo prenunciado ou não.

No jogo do poder, num exemplo exaustivamente usado como tema de filmes e de teatro, a sexualidade libertina sempre embebeda seu praticante impondo-lhe uma decadência moral ininterrupta, levando-o de caso em caso até que seus recursos ou sua saúde sucumbam exauridos num beco qualquer para dar lugar ao próximo eleito, o que querendo evitar sempre encontrará na violência, pela eliminação dos rivais ou oponentes, o recurso mais viável de sobrevivência.

De igual modo a violência costuma eleger o mais poderoso de um grupo, o qual por sua vez sempre encontra no deleite físico um de seus maiores troféus, atraindo voluntariamente para si a prostituição, o adultério ou algum desvio de personalidade como o homossexualismo, o lesbianismo, etc.

Com base nestes fatos concluímos que o desequilíbrio dos sentidos é promovido na mídia por duas grandes vertentes – o sexo e a violência, e tem sua origem num contexto muito além da sociedade humana.

II- A Leviandade do Prazer

Quem examina as escrituras sabe que desde tempos remotos a raça humana tem conseguido irritar a Deus, provocando sua ira ao longo dos séculos por razões que na verdade têm um único fundamento: sua insubordinação aos preceitos Divinos e seu conseqüente culto aos prazeres carnis elevando-os muito acima da sua capacidade de administração racional dos próprios sentidos.

Deus deu ao homem poder para dominar toda a Criação bem como a si mesmo, porém é um domínio que requer a sua inteligência, o seu esforço e a sua criatividade. Ora, foi preciso que o homem raciocinasse para conseguir dominar os ares, as águas, os ventos e os animais. De modo semelhante o uso de seu alto poder criativo transformou coisas naturais, como comer e beber, em verdadeiras artes.

Nestas coisas o ser humano tem conseguido agir como uma criatura capacitada, mostrando uma remanescência da herança do seu Criador, mas quando o assunto é a sexualidade ou o autocontrole, o quadro muda radicalmente.

Ultimamente o ser humano não apenas tem agido mas também tem justificado seus devaneios argumentando ser um animal semelhante aos demais, considerando que se está sujeito às mesmas leis naturais então estaria respaldado e justificado nos seus deslizes sensuais e violentos.

Há algumas horas atrás, antes de retomar este artigo, li uma reportagem no *website* da revista Época noticiando que um casal famoso - uma jogadora de tênis e um cantor (Anna Kournikova e Enrique Iglesias), haviam dado um show particular ao se estimularem sexualmente durante um namoro, à luz do dia no banco de uma praça em Santa Mônica na Califórnia. Na mesma página também constavam as últimas guinadas libidinosas de Maddona e Britney Spears enquanto que no Brasil, Deborah Secco mostrava os seios numa praia sob o pretexto de ser apenas uma cena de novela.

Tudo seria uma “naturalidade inofensiva” bem encenada, não fosse a libido doentia denunciada pela reação do público masculino acotovelando-se para atender seus hormônios e não perder a “tomada cinematográfica” montando um quadro que, visto à distância, lembraria a qualquer um aquela cena de diversos cães rodeando uma fêmea, comum nas ruas da periferia em certas épocas do ano.

De fato o mundo artístico profano é um dos grandes redutos de pistas que nos permitem desnudar um dos grandes golpes da libertinagem dos sentidos da era moderna e denunciar o esquema maligno que age nos bastidores desse grande teatro chamado bíblicamente de *mundo*, o qual só traz lucro e riqueza a poucos (na maioria dos casos os que já são ricos!).

Ora, enquanto alguns homens e mulheres ganham “rios” de dinheiro sem esforço, apenas tirando a roupa, como fazem nas intermináveis e vulgares cenas de amor proibido dos filmes e seriados televisivos, fingindo ser outra pessoa e violentando os bons costumes em público para atrair admiradores (ou patrocinadores passivos), milhares de outras estão paradas, de braços cruzados, gastando seu dinheiro para ver o “trabalho” dos artistas, sem perceber o tempo passar.

Sou absolutamente a favor da dedicação de algum tempo para o lazer e a descontração, mas quando nos submetemos a uma situação de excitação sexual ou de exaltação, nos tornamos improdutivos e incapazes de criar qualquer coisa senão a busca de oportunidades para consumarmos ou consumirmos o desequilíbrio que pateticamente trouxemos sobre nós mesmos.

Aliás onde mais, a não ser na vida real podemos ver tão claramente a parceria contraditória entre o ódio e a paixão?

É quase óbvio dizer que na mesma página da Época estavam as notícias sobre a violência ao redor do mundo – lado a lado – sexo e violência, como que à guisa de ilustrar com perfeição o ditado popular de “carne e unha”.

Minha preocupação pode ser compreendida se focarmos a realidade de uma pessoa solteira ou que não possua um cônjuge a quem ame e por quem se sinta amada vivendo neste contexto. Neste estado, não tendo como satisfazer os seus impulsos, ela acaba possuída por eles, os quais após algum tempo acabam dominando todos os demais sentimentos, anestesiando sua percepção e ofuscando sua visão para os valores permanentes da vida.

Nesta situação, dependendo de seu caráter e de sua formação moral, tudo pode acontecer com uma força tal que pode beirar a uma possessão, violenta o suficiente para em alguns casos

levar a pessoa ao suicídio¹. Quando não, também podem aparecer variações compulsivas que podem resultar em casos de agressão física, violência sexual, ou ainda uma obsessão por destruir qualquer pessoa que pareça responsável pelo seu insucesso ou simplesmente lhe pareça um impedimento ao alcance de suas aspirações.

III – Agentes Passivos

Quem já não ouviu falar do fumante passivo – aquele que mesmo não fumando é prejudicado pela fumaça do cigarro alheio? Numa situação muito semelhante existem os agentes passivos da libidinagem e da violência.

A cada dia se ouve falar mais e mais de pessoas praticando atos de violência sem no entanto terem uma história de descontrole nem qualquer indício perceptível de agressividade ou incontinência em suas vidas.

Ora, todos os dias vemos nos noticiários os crescentes casos de pessoas simples e aparentemente bondosas sendo enquadradas em crimes de violência física ou sexual contra estranhos ou até mesmo contra sua própria família. O que estaria havendo?

Penso que assim como a técnica da repetição consegue inculcar um poema ou uma fórmula matemática na mente das pessoas resultando na memorização daquelas informações, do mesmo modo as repetidas cenas de violência ou de insinuação libidinosa, sejam simplesmente vistas ou presenciadas por uma pessoa, ao longo de algum tempo acabam se internalizando na mente e gradualmente convencendo seu hospedeiro quanto a sua viabilidade de uso no enfrentamento dos desafios da vida.

IV – Discipulado Obscuro

Já se verificou que o ser humano, não importando sua idade ou experiência pessoal, sempre se orienta tomando outras pessoas como referência, especialmente aquelas que possuem mais poder do que ele, seja por possuírem mais dinheiro, mais saúde, mais contentamento, mais motivação, mais domínio, mais conforto, mais resultados ou mais satisfação pessoal.

Este hábito de adotar potestades como referência também tem levado muitos a admirarem e a se associarem com as trevas e o seu senhor, uma vez que nestes últimos tempos tem havido uma grande campanha de *marketing* promocional das imagens e simbologias satânicas (dragões, serpentes, demônios, duendes, pessoas mortas, sangue e correntes além da imagem da morte) apresentando as hostes do inferno e o mundo onde vivem como símbolos de poder e supremacia.

Esta simpatia pelo oculto também é uma conseqüência da queda, pois cometendo o mesmo crime que o diabo (ambição pelo lugar de Deus), o ser humano se submeteu à sua mercê e se tornou escravo de uma criatura que não receia em demonstrar o seu ódio e a sua intenção de humilhar o ser humano buscando atingir indiretamente o seu Criador.

V – Reagentes Ativos

Parece tudo perdido? Mas já há cinco séculos desde quando um homem que não aceitou o contexto profano de sua época reagiu, denunciou, pregou nas praças, enfrentou o gigantismo da religião dominante e decadente de seu tempo e registrou nas letras de um hino o segredo de sua convicção e fervor...

“A nossa força, nada faz. Estamos nós perdidos? Mas nosso Deus socorro traz, e somos protegidos” (Castelo Forte – Martinho Lutero).

Ele foi um dos milhares que testemunharam do quanto a força da fé, conjugada ao amor a Deus é capaz de fazer. O apóstolo Paulo também revela...

“Digo, porém: Andai pelo Espírito, e não haveis de cumprir a cobiça da carne.” (Gal 5:16)

É possível notar que eles estão apontando para uma iniciativa, uma pro atividade, uma reação, como se estivessem sussurrando nas entrelinhas: “-Reaja!”.

Se olharmos atentamente para o versículo de Gal 5:16 poderemos observar que Paulo propõe uma mudança, ou melhor – uma troca de orientação – a cobiça da carne pela orientação do Espírito Santo!

De modo semelhante Lutero testemunha a vitória que obtemos quando nossos limitados recursos humanos são trocados pela poderosa intervenção de Deus.

Ora, nas primeiras linhas deste estudo antecipamos um elogio à capacidade humana de substituir uma ação por outra – um dom providencial que lhe proporciona um escape – uma alternativa às reações naturais diante das situações de confronto.

Essa habilidade é tão evidente que a sociedade moderna confirma ter encontrado na promoção e na ampliação da prática dos esportes a nível global uma das maiores saídas para satisfazer o impulso competitivo do ser humano. Segundo alguns especialistas esta prática conseguiu substituir as guerras pelas disputas esportivas nos contextos de menor complexidade.

Entretanto não é necessário pensar muito para concluir que apenas esta troca não foi suficiente para acabar com todas as guerras e nem para sanar a angústia interior que leva os homens a elas.

Seria preciso uma troca mais drástica e profunda – a do ser interior, a do caráter – na verdade uma transformação mais abrangente e radical!

VI – Ser humano x ser Divino

"Nem tampouco apresenteis os vossos membros ao pecado por instrumentos de iniquidade; mas apresentai-vos a Deus, como vivos dentre mortos, e os vossos membros a Deus, como instrumentos de justiça." (Rm 6:13).

"E, finalmente, sede todos de um mesmo sentimento, compassivos, amando os irmãos, entranhavelmente misericordiosos e afáveis." (1Pe 3:8).

Estes dois apóstolos escritores (Paulo e Pedro) sabiam que estavam escrevendo a pessoas comuns que haviam deixado a vida de pecado e substituído os seus instintos naturais pela orientação Divina, mas a objetividade serena dos seus textos testemunha a convicção deles na obra efetiva de Deus na vida dos seus leitores – e ao ponto de lhes determinar obras de grande teor divino apesar deles continuarem vivendo como cidadãos comuns na sociedade pagã daquela época.

Ora deixar *"de cumprir a cobiça da carne"* não é algo que se consiga apenas com força de vontade pois seria do ponto de vista humano o mesmo que negar ou voltar-se contra si mesmo.

Mas é exatamente neste ponto que trazemos prazerosamente a notícia de que **o negar a si mesmo é o princípio da obra de Deus na vida do ser humano!**

Veja com atenção a frase proferida por Jesus Cristo: *"Se alguém quer vir após mim, **negue-se a si mesmo**, tome a sua cruz, e siga-me"* (Mt 16:24).

Note que a obra Divina começa pelo despertar da vontade de seguir a Deus – ponto no qual o agente é o Espírito Santo (Jo 16:8), mas depois seguem-se três ações que competem ao ser humano executar: **1- negar a si mesmo, 2- tomar a cruz e 3- seguir a Cristo.**

O resultado desta seqüência de ações é o alcance da capacidade de praticar a recomendação do versículo de Gal 5:16 mencionado acima, o que representa uma ampliação exponencial da capacidade humana de substituir suas reações naturais.

VII – Morrer e nascer de novo

O que acabamos de afirmar é um fato tão palpável e tão admirável que observamos nas pessoas que se decidiram por seguir os caminhos de Deus uma transformação radical de atitudes e de comportamento ao ponto de nos parecer terem morrido e nascido outra vez.

De fato esta analogia foi usada por Cristo: *"Em verdade, em verdade te digo que se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus."* (Jo 3:3). Nestas palavras encontramos mais uma informação importante – o homem natural não pode comparecer como ele é diante do trono de Deus pois a santidade dEle o consumiria como o fogo que abrsa naturalmente qualquer material combustível.

Portanto deixar Deus agir em nós de modo que amplie nossa capacidade de substituição de reações ao ponto de nos tornarmos uma nova pessoa não se trata apenas de uma mudança estética ou simplesmente um recurso para sairmos da rotina, mas de uma necessidade fisiológica, uma vez que a paternidade Divina é o maior dos grandes vazios da vida cotidiana para a maioria dos homens.

Conclusão

Aí está a mensagem deste estudo – coisas tão grandes e aparentemente tão esmagadoras como o rancor e o ódio podem ser anulados por uma atitude bem pequena – a decisão por substituir o nosso ser pelo de Deus pedindo-lhe que nos desperte para uma nova vida. Para tanto devemos entregar-Lhe a sede do nosso caráter – o nosso coração!

“Filho meu, dá-me o teu coração; e deleitem-se os teus olhos nos meus caminhos.” Pv 23:26

Este é o grande apelo do evangelho de Cristo – que o homem reconheça a sua situação de pecador e o poder de Deus para livra-lo dela através do arrependimento, da confissão de suas más ações e da sujeição à obra de Deus para a conversão de seus caminhos.

Para tanto bastará a iniciativa pessoal de, estando ciente do que é preciso fazer, o homem convide a Deus para que visite o seu coração e estabeleça nele morada permanente.

Finalizaremos com as palavras do profeta Miquéias e do escritor de Atos dos apóstolos:

“Ele te declarou, ó homem, o que é bom; e que é o que o Senhor requer de ti, senão que pratiques a justiça, e ames a benevolência, e andes humildemente com o teu Deus?” (Miquéias 6:8)

“E agora, por que te demoras? Levanta-te, recebe o batismo e lava os teus pecados, invocando o nome de Jesus” (Atos 22:16).

Pr Carlos Ricas / 23.11.2003

NOTAS:

1. pág. 4 – em 08.09.2004 o jornal Último Segundo do portal IG (<http://ultimosegundo.ig.com.br>) divulgou uma notícia da agência Reuters a qual dava conta de que a cada 40 segundos uma pessoa se suicidava no mundo o que totalizava quase um milhão de suicídios por ano.